

# 3ª Parte

---

Prosa de Ficção

## Confissão

*Regine Lima Verde*

Não me digam que sou louco. Não sou. Não pensem que sou sonâmbulo. Eu já disse e repito, não estava dormindo. Vi. Vi com esses olhos que a terra há de comer. E não imaginava que fosse tão grande, nem tão preto. É verdade que era noite e o escuro às vezes confunde a gente. Mas não. Não dava para confundir. Olhem que sempre fui tido como dono de vista boa. Lembro-me que no Exército, tudo que estava longe e poderia ser coisa errada, me chamavam para eu confirmar. Eu era o melhor em assunto de olhos. Também, sempre fui cuidadoso com eles. Desde cedo minhas tias me ensinaram que água boricada era boa para vista. Para quem não sabe sou dos matos, lá das bandas da serra grande. Pois bem, perto da minha casa tinha uma farmácia e Seu Joca vendia como tratamento para dor-d'olhos, inflamação, coceira em olhos, água boricada. Naquele tempo não havia conta-gotas, nem lembro se algum remédio se apresentava com tal artefato. O que é certo é que a gente pegava uma folhinha de benjamim, que era bem durinha, dobrava dos dois lados e era assim que se colocava água boricada nos olhos. Eu pedia a mamãe para ela colocar todos os dias o santo remédio, como minhas tias diziam, nos meus olhos. A mamãe reclamava e não entendia o porquê desse cuidado todo. Mal sabia ela que eu usava o tal produto para prevenir qualquer problema na vista. Eu queria ser aviador. Conheci um piloto de férias lá pela serra e ele me jurou que aviador não podia usar óculos. Ora, eu fazia de um tudo para realizar esse sonho, o de ser piloto e poder voar mais alto que o "Pico Alto", o ponto mais alto do Ceará. Eu havia aprendido isso no grupo. Então, como eu estava contando, minha vista é muito boa. Daí eu ter certeza de que o que eu vi, vi mesmo. Não era miragem. Não era fome porque naquela noite havia comido até demais. Por que ele me apareceu, não sei. Talvez tivesse cometido algum pecado ou pregado alguma mentira grande. Isso, o porquê, nunca entendi. Faz muito

tempo! O que não consigo esquecer foi a fumaceira no qual ele estava envolvido. Parecia um lençol de fumaça. Fiquei até pensando em incêndio. Mas era uma fumaceira fino no qual se podia visualizar todos os limites. Imaginem uma fumaça organizada, sem chamas, só aquela nuvem andando e andando na sua direção. Eu fiquei gelado. Meu coração faltava sair pela boca. Botei minha mão no peito e vi que estava vivo por causa do baticum que meu coração fazia. Minha mão era um gelo. Usando uma comparação, era que nem uma mão de defunto encostado no meu braço. Mas era a minha mesmo. Pior era que aquilo vinha e vinha e era como se tivessem colocado cola no chão. Eu tentava andar, correr, me desgrudar, mas nada. Nada acontecia. Fiquei tão pesado, tão pesado que um homem, dez homens eram pouco para me mover do lugar. Parecia até a história de uma cômoda que minha mãe herdou de sua mãe, que havia sido herdada da mãe da mãe. Quando precisavam empurrá-la para limpar a poeira debaixo, era um Deus nos acuda! Ninguém se candidatava a tal ofício. O pior de tudo era o tampão de mármore que havia no topo dessa cômoda. Pois é, eu pregado no chão era pior que a cômoda da mamãe. Ninguém conseguia me empurrar. E o ruim é que não podia gritar. Fiquei mudo e parado feito um poste de iluminação. E ele se aproximando. Quando chegou a uma distância de dez passos, olhou-me com os olhos em labareda, quebrou-se no meio e as partes saíram pulando. Era preto. Mais preto que aquela noite. Eu não sou louco, nem sou sonâmbulo. Faz muito tempo disso. Eu jurei não contar nunca a ninguém. Mas hoje, quando faz tanto tempo do que aconteceu e porque me prenderam nesse quarto branco depois de eu passar o dia gritando, e por não ter o que fazer, pedi um caderno e um lápis àquela mulher de branco que me deu um comprimido e aqui estou a contar um segredo que guardei por mais de 40 anos. Eu vi o diabo!

***(Primeiro lugar no Concurso Nacional de Literatura  
da Paraíba - 1992 - Categoria - contos.)***